



A CENTRALIDADE DO EMPREGO EM AGLOMERADOS URBANOS NÃO METROPOLITANOS

Isabela Barchet
Josué Bengtson Brasil Rodrigues

Resumo

O presente estudo tem por objetivo geral identificar e analisar os níveis de centralidade existentes entre os oito municípios que compõem a Microrregião de Campo Grande/MS para os anos de 2000 e 2014. De forma específica buscou-se verificar quais são os setores produtivos motores da microrregião, estimar o multiplicador regional do emprego para cada município, a fim de observar a magnitude do impacto dos setores produtivos motores na geração de emprego formal e, encontrar o potencial de atratividade exercido por cada município por meio do Índice de Centralidade. A abordagem teórica baseia-se na Teoria do Lugar Central, proposta por Walter Christaller. Para a realização do estudo foram coletados dados da Microrregião de Campo Grande sobre a população e o emprego, e na sequência, estimados indicadores de análise regional, tais como, o quociente locacional (QL), o multiplicador regional do emprego (EB) e o índice de centralidade (IC). Os resultados obtidos mostram que, durante o período 2000 e 2014, a cidade de Campo Grande, manteve-se como o lugar central da Microrregião. Observou-se que todos os municípios da MCG apresentaram aumento de emprego que variou de 43% a 72% ao longo do período analisado. Em adição, verificou-se que os setores de Serviços (26,5%), Administração Pública (26%) e Comércio (21%) absorveram quase 74% do posto de trabalho da MCG no período em análise. Agricultura, Indústria Extrativa e Administração Pública, podem ser considerados os setores produtivos motores da economia da microrregião.

Palavras-chave: Centralidade. Emprego. Economia urbana.

1 INTRODUÇÃO

Na análise econômica regional, a identificação das principais atividades produtivas existentes e do nível do emprego em determinada região, se constitui elemento fundamental para a compreensão da dinâmica econômica regional. Nesse sentido, torna-se necessário conhecer e estudar as teorias existentes acerca da localização e especialização regional das atividades produtivas, a fim de se obter o embasamento necessário para explicar o desempenho econômico e as especificidades de determinada região.

A dinamicidade das regiões metropolitanas brasileiras instiga vários estudos acerca da concentração de atividades produtivas e do potencial de atração dessas regiões em termos de emprego e população. Todavia, o Brasil apresenta aglomerados urbanos metropolitanos ainda em plena construção *vis-à-vis* os aglomerados consagrados como, por exemplo, o caso da Região Metropolitana de Curitiba (RMC), da Região Metropolitana de São Paulo (RMSP), entre outras. Entre os aglomerados



urbanos recentemente consagrados na especialidade produtiva brasileira e com significativo potencial de crescimento econômico e demográfico encontram-se os situados na Região Centro-Oeste do Brasil.

A Região Centro-Oeste do Brasil é formada pelo Estado de Goiás, pelo Distrito Federal de Brasília, pelo Estado de Mato Grosso e pelo Estado de Mato Grosso do Sul. Assim como em outros estados brasileiros, as regiões metropolitanas situadas no Centro-Oeste são fruto do processo de metropolização aliado ao processo de urbanização brasileira. Nesse sentido, as regiões metropolitanas cresceram como pólos geradores de desenvolvimento e, paralelamente, como atração de atividades econômicas e de migração populacional.

Destaca-se que regiões metropolitanas são criadas por meio de projetos de lei estaduais. Assim, podem-se observar espaços sem a institucionalização e presença de uma região metropolitana, como é o caso do Estado do Mato Grosso do Sul, que nem por isso, deixa de apresentar um aglomerado urbano que apresente relativa influência sobre os espaços circunvizinhos, ou seja, com um significativo grau de centralidade. A capital, Campo Grande, por exemplo, acaba se destacando em relação aos demais municípios em função de exercer influência sobre a vida de quem mora fora de seus limites, além de atrair pessoas em busca de bens e serviços que ela pode oferecer, caracterizando-se como um aglomerado urbano não metropolitano.

Frente ao exposto, busca-se compreender a organização produtiva e a dinamicidade do emprego de um aglomerado urbano não metropolitano, de forma mais específica, da Microrregião de Campo Grande de modo a contribuir para a coordenação de ações de interesse público e planejamento de soluções para as necessidades da Microrregião em destaque, além de formar subsídios para um possível comparativo entre aglomerações urbanas não metropolitanas e aglomerações urbanas instituídas como regiões metropolitanas. Assim, esse estudo fundamenta-se no seguinte problema de pesquisa: quais são os níveis de centralidade existentes entre os municípios que formam um aglomerado urbano não metropolitano?

Para tanto, o estudo tem por objetivo identificar e analisar a centralidade, medida em termos do nível de emprego, existente entre os municípios que compõem a Microrregião de Campo Grande. De forma específica busca-se: a) verificar quais são os setores produtivos motores da microrregião de Campo Grande; b) estimar o multiplicador regional do emprego para cada município da Microrregião, afim de



observar a magnitude do impacto dos setores produtivos motores na geração de emprego regional e; c) encontrar o potencial de atratividade exercido por cada município por meio do índice de centralidade.

Além desta seção introdutória, o estudo apresenta na seção seguinte o procedimento metodológico fundamentado no indicador de centralidade, bem como indicadores de localização que devem ser usados para auxiliar no desenvolvimento da análise, como é o caso do quociente locacional (QL) e do multiplicador regional de emprego. A seção 3 com a apresentação e discussão dos resultados é exposta na sequência, seguida das considerações finais.

2 PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

Pertencente à Mesorregião do Centro-Norte de Mato Grosso do Sul, Campo Grande é a mais populosa Microrregião do Estado, com uma população, segundo dados do IBGE (2016), de 941.361 habitantes, correspondendo a 35,93% do total da população de Mato Grosso do Sul. Fica localizada na região central do Estado de MS, com seus rios drenados para bacia do Paraná. Está dividida em oito municípios, possuindo uma área total de 28.261,421 km², e compreendendo os municípios de Bandeirantes, Campo Grande, Corguinho, Jaraguari, Rio Negro, Rochedo, Sidrolândia e Terenos.

A Microrregião de Campo Grande é composta, em sua maioria, por cidades consideradas pequenas no que se refere ao número de habitantes. A tabela 1 apresenta dados sobre distância, população e densidade demográfica, de cada uma das cidades pertencentes à Microrregião. Em termos de desenvolvimento econômico, os municípios da MCG possuem Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDH-M) situado entre 0,651 e 0,784. De acordo com os dados elencados para 2010, os municípios de Rio Negro e Campo Grande, foram os únicos que obtiveram índices considerados altos, 0,709 e 0,784, respectivamente (ATLAS BRASIL, 2016).



Tabela 1 - Cidades que compõe a Microrregião de Campo Grande-MS

Cidade	Distância da Capital do Estado (em Km)	População	Densidade demográfica (hab./km ²)
Campo Grande	0	843.120	97,22
Bandeirantes	70	6.759	2,12
Corguinho	96	5.403	1,84
Jaraguari	44	6.779	2,18
Rio Negro	144	4.949	2,79
Rochedo	74	5.205	3,16
Sidrolândia	72	49.712	7,97
Terenos	27	19.434	6,03

Fonte: elaborado pelo autor com base em IBGE (2014)

Os demais municípios da microrregião foram enquadrados em um nível de desenvolvimento Humano considerado como médio, em que o município de Rochedo foi o que obteve o menor índice (0,651) dentre todas as cidades da MCG (ATLAS BRASIL, 2016).

2.1 O quociente locacional

O quociente locacional (QL), tradicional na literatura de economia regional, é uma ferramenta utilizada para determinar se um município, em particular, possui especialização em uma atividade específica. O indicador também aponta os setores mais especializados (potenciais) nas diferentes regiões, comparando-os a uma macrorregião de referência (ALVES, 2012). Ele é a razão entre duas estruturas econômicas: no numerador tem-se a “economia em estudo” e no denominador uma “economia de referência”, de modo que, os resultados do QL apresentam o padrão locacional dos ramos de atividades econômicas. O QL é estimado de acordo com a seguinte equação:

$$QL = \frac{Si/St}{Ni/Nt} \quad (1)$$

Em que:

QL = quociente locacional;

Si = emprego na atividade i na cidade;

St = emprego total na cidade;



N_i = emprego na atividade i na Microrregião de Campo Grande;

N_t = emprego total na Microrregião de Campo Grande.

Como exposto, o QL compara a participação de um município em uma atividade específica com a participação do mesmo município no total produzido da economia regional. Considera-se que valores superiores a 1 denotam indício de que o município é relativamente mais importante, no contexto regional, em termos de determinada atividade, do que em termos gerais de todas as atividades. Caso contrário, valores inferiores a 1 apresentam que o município é relativamente menos importante em comparação à produção regional daquela atividade analisada (ALVES, 2012).

Embora haja limitações no escopo analítico desse indicador, a sua utilização se justifica em trabalhos de natureza exploratória e em associação com outras técnicas de estudo. As limitações podem ser de ordem técnicas ou conceituais. As limitações técnicas comuns a quase todos os métodos de análise regional relacionam-se com problemas de agregação das variáveis em níveis regionais e setoriais. No mesmo sentido, os resultados do QL são sensíveis ao tipo de agregação setorial. Outra deficiência do índice é a dificuldade para identificar algum tipo de especialização em regiões que apresentam estruturas produtivas mais diversificadas, como ocorre em municípios muito desenvolvidos e regiões metropolitanas, em que se verifica uma densa e diversificada estrutura econômica e um elevado volume de empregos (ALVES, 2012).

2.2 O multiplicador regional do emprego

O multiplicador regional do emprego é utilizado com o intuito de quantificar o impacto do emprego básico nos municípios da Microrregião de Campo Grande, dividido por ramos de atividade produtiva. O emprego básico é aquele com Quociente Locacional maior que uma unidade ($QL > 1$), também chamado de emprego ou atividade motora. A metodologia utilizada foi descrita em Strassburg, Ferrera de Lima e Oliveira (2014), contendo a seguinte equação:

$$EB = \frac{S_i - S_t}{N_i/N_t} \quad (2)$$

Em que:



EB= emprego básico da atividade na cidade;

S_i = emprego na atividade i na cidade;

S_t = emprego total na cidade;

N_i = emprego na atividade i na Microrregião de Campo Grande

N_t = emprego total na Microrregião de Campo Grande.

Para a análise dos resultados do multiplicador regional do emprego, foram adotados os mesmos parâmetros utilizados por Eberhardt et al. (2015), em que é considerado alto, o valor do multiplicador, cujo resultado for maior ou igual a seis (6). O valor do município que apresentar multiplicador igual ou entre 4 e 5,99 é considerado médio alto. Valores iguais ou entre 2 e 3,99 são considerados médio baixo e multiplicador abaixo de 2 são considerados como baixo. Levando em consideração a equação (2), chega-se a:

$$E = EB + EM \quad (3)$$

Em que:

E = emprego total;

EB = emprego básico;

EM = emprego não-básico.

Os resultados indicam a capacidade do município de criar postos de trabalho no momento em que a atividade motora é estimulada. Ou seja, a cada emprego criado na atividade motora (que tem $QL > 1$), determinado número de empregos é criado nas atividades complementares.

2.3 O indicador de centralidade

Na busca de tentar identificar e analisar os níveis de centralidade das cidades que compõem a Microrregião de Campo Grande utilizou-se os parâmetros estabelecidos por Walter Christaller, conforme proposto por Colla, Queiroz e Ferrera de Lima (2007). A centralidade será estimada pela seguinte equação:

$$IC = Ez - Pz \frac{Eg}{Pg} \quad (4)$$

Em que:



IC = medida de centralidade;

E_z = emprego total na cidade;

P_z = população total na cidade

E_g = emprego total na Microrregião de Campo Grande;

P_g = população total na Microrregião de Campo Grande;

Para efeitos de análise do indicador de centralidade, os municípios da MCG que obtiveram índices com quatro dígitos ou mais foram considerados com um nível de centralidade alto. Em adição, com a finalidade de verificar a evolução dos níveis de centralidade ao longo do período analisado, destacando a situação de cada município que compõe a MCG, as definições dos níveis de centralidade em baixo, médio e alto foram feitas através do cálculo dos intervalos de classes a partir dos índices de centralidade obtidos inicialmente para cada município, tomando como base para o cálculo o ano de 2000, e posteriormente definindo-se os limites, superior e inferior.

O desenvolvimento de todos os indicadores acima exposto está baseado no uso da ocupação dos trabalhadores nos oito (8) municípios que compõem a Microrregião de Campo Grande como principal variável de estudo. Verificando, assim, quais são os lugares centrais e os complementares desse espaço de análise. A base de dados utilizada foi formada pelos dados informados na Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) e também da população de cada município, informada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Para a elaboração da análise foram utilizados dados da distribuição do emprego entre os anos de 2000 e 2014, divididos em nove (9) ramos, que representam as atividades exercidas nos municípios.

A apresentação dos resultados ocorrerá por meio de tabelas e figuras. As tabelas serão dispostas, afim de, representar a indicação do emprego, o quociente locacional, o multiplicador regional do emprego e o nível de centralidade para as cidades da Microrregião de Campo Grande no Mato Grosso do Sul. Os resultados obtidos a partir do uso dos indicadores de análise regional serão analisados com base na Teoria do Lugar Central de Walter Christaller.

3 RESULTADO E DISCUSSÕES

Antes de proceder com o desenvolvimento dos indicadores de análise regional será apresentado alguns esclarecimentos sobre o emprego na Microrregião de Campo Grande (MCG) e o período pesquisado.

A Tabela 2 mostra a descrição dos setores usados na presente análise. Os dados, sobre emprego, usados neste estudo foram coletados na base de dados da Relação Anual de Informações Estatísticas (RAIS) do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE). Foram coletados dados de nove (9) setores produtivos para os anos de 2000 e 2014. Todavia, em função de alterações que ocorreram ao longo do tempo na estruturação desse banco de dados, foram encontradas divergências durante a coleta dos dados, no que tange a nomenclatura dos setores e também com relação à separação e/ou junção de outros.

Tabela 2 - Descrição integral dos setores de emprego usados - 2000 e 2014

SETORES - ANO 2000 (CNAE 95)	SETORES - ANO 2014 (CNAE 2.0)
Administração pública, defesa e seguridade social	Administração pública, defesa e seguridade social
Agricultura, pecuária, silvicultura e exploração florestal	Agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura
Comércio, reparação de veículos automotores, objetos pessoais e domésticos	Comércio, reparação de veículos automotores e motocicletas
Construção	Construção
Educação	Educação
Indústrias de transformação	Indústrias de transformação
Indústrias extrativas	Indústrias extrativas
Produção e distribuição de eletricidade, gás e água	Eletricidade, gás, água e esgoto - eletricidade e gás - água, esgoto, atividades de gestão de resíduos e descontaminação
Serviços	Serviços
- transporte, armazenagem e comunicações	- transporte, armazenagem e correio
- atividades imobiliárias, aluguéis e serviços prestados as empresas	- atividades financeiras, de seguros e serviços relacionados
- saúde e serviços sociais	- atividades administrativas e serviços complementares
- outros serviços coletivos, sociais e pessoais	- saúde humana e serviços sociais
- serviços domésticos	- outras atividades de serviços - serviços domésticos

Fonte: elaborado pelo autor com base na RAIS (2016).



Observou-se que, para o ano de 2000, havia um setor específico para os serviços, em que, foram agrupados diversos outros setores que possuíam relação com serviços, como pode ser visto na comparação colocada na Tabela 2. Nos dados referentes ao ano de 2014, houve a separação de setores relacionados ao fornecimento de eletricidade, gás, água e esgoto com relação aos dados coletados para o ano de 2000. Para que houvesse uma melhor compreensão, e fosse possível realizar a comparação entre os dados do ano de 2000 e 2014, foi realizada a somatória dos dois setores citados e, posteriormente, incluídos em um só setor, chamado de Eletricidade, gás, água e esgoto. Em relação aos dados sobre serviços, para o ano de 2014, também foi feita a somatória de diversos setores que compõem o setor de serviços e agrupados em um só setor, chamado Serviços.

Feitos os ajustes necessários em termos da estrutura do banco de dados, desenvolveu-se a análise dos níveis de emprego na microrregião de Campo Grande (MCG). A Tabela 3 mostra que, ao se observar o total de emprego gerado, somado os nove ramos de atividades em cada município da MCG, todos os municípios apresentaram aumento no número de empregos, comparando o período de 2000 a 2014. Verificou-se que o crescimento do número total de empregados em cada município ficou em torno de 43,70% e 72,93% no período analisado, mostrando, portanto, que os municípios, da microrregião pesquisada, cresceram e estão se dinamizando, mesmo que isso não represente um desenvolvimento socioeconômico da MCG. Segundo Brose (2009), o desenvolvimento socioeconômico depende de complexa, demorada e contínua sinergia entre fatores econômicos, políticos, sociais e culturais para acontecer, o que implica no fortalecimento de fatores intangíveis, ou capitais intangíveis.

Partindo para uma análise mais específica, ou seja, considerando a evolução do número de postos de trabalho por município e por setor produtivo verificou-se que os maiores aumentos ocorreram nos ramos da Administração Pública (7), nos municípios de Jaraguari (33.70%) e Rio Negro (28.50%) e, Construção (5), no município de Sidrolândia (20.90%). Outro destaque está no ramo de comércio (6) e serviço (9), com aumentos significativos em 6 e 3 municípios, respectivamente. Os municípios de Bandeirantes, Jaraguari, Rochedo e Sidrolândia foram os municípios que apresentaram os maiores aumentos em relação ao número de emprego por ramos, cada município elevou seu nível de emprego em três dos nove ramos.



No que concerne a retração, ou seja, a ocorrência de diminuição do número de empregos no período estudado por município e por setor produtivo, os seguintes ramos de atividade foram destaque: Indústrias Extrativas (2), Indústrias de Transformação (3) e Construção (5), com redução em 2 municípios; e os setores de Agricultura (1) e Produção e distribuição de eletricidade, gás e água (4), com redução do nível de emprego em um município em cada um dos ramos de atividade. As maiores reduções em termos de número de postos de trabalho (acima de 100%) foram verificadas nos ramos de Indústrias de Transformação (3), no município de Corguinho, e Construção (5), nos municípios de Corguinho e Rio Negro.

Há de se destacar que, nos ramos Comércio, Administração Pública, Educação e Serviços, não houve redução de empregos em nenhum município. Também é importante destacar que, somente, em dois municípios da MCG não ocorreu redução de emprego em nenhum ramo de atividade. Para quatro municípios, houve redução em apenas um ramo, e para dois municípios os empregos foram reduzidos em dois ramos de atividades. Isso reflete que, no seu conjunto e em termos de dinamismo, a MCG tem conseguido expandir sua oferta de postos de trabalho.

Por outro lado, conforme pode ser visto na Tabela 3, a representatividade de cada um dos nove setores produtivos no cenário econômico da MCG sofreu pequenas alterações ao longo do período analisado. Quase todos os ramos produtivos elevaram sua representatividade em termos de número de postos de trabalho. Em termos percentuais, isso representou uma variação de aproximadamente 1% a 5%, por ramo produtivo, em relação ao total de empregos da MCG. Todavia, Agricultura (1), Administração Pública (7) e Educação (8) perderam representatividade no total de emprego da MCG ao longo do período observado. A retração do número de postos de trabalho ficou em torno de 1,5% para Agricultura (1), 6,6% para Administração pública (7) e 2,75% para Educação (8) entre 2000 e 2014.

Mesmo com a perda de representatividade de alguns setores produtivos frente ao número total de postos de trabalho gerados na MCG ao longo do período de análise, dentre os nove ramos analisados, três deles correspondem à absorção de, aproximadamente, 74% de todos os postos de trabalho da MCG, ficando para os seis municípios restantes somente 26% do total. Os ramos que absorvem o maior número de empregados, em 2014, são os ramos de Serviços (9), que corresponde a,

VIII Seminário Internacional sobre

Desenvolvimento regional

Territórios, redes e
Desenvolvimento Regional:
Perspectivas e Desafios



Programa de Pós-Graduação
Desenvolvimento
Regional
mestrado e doutorado



aproximadamente, 26,5% do total de empregos da Microrregião, seguido pelo setor de Administração Pública (7), com 26%, e o Comércio (6) com 21%.

Vale ressaltar que o setor Administração Pública caracteriza a maior perda de representatividade, durante o período analisado, se comparado ao total dos empregos da MCG. Conforme pode ser observado na Tabela 3, em 2000 o ramo de atividade representava 32% do total de emprego presente na microrregião, passando a representar em 2014 uma parcela de 26% do emprego total.

**Tabela 3** - Número de empregados por ramo de atividade econômica nos municípios da Microrregião de Campo Grande, MS - 2000 e 2014

Ramos e Atividades	1		2		3		4		5		6		7		8		9		Totais				
	Agricultura		Indústrias Extrativas		Indústrias de Transformação		Prod. e Dist. Eletricidade, Gás e Água		Construção		Comércio		Adm. Pública		Educação		Serviços		Total	2000	Total	2014	%
Municípios	2000	2014	2000	2014	2000	2014	2000	2014	2000	2014	2000	2014	2000	2014	2000	2014	2000	2014	Total	2000	Total	2014	%
1-Bandeirantes	332	603	0	14	42	47	11	4	0	7	44	173	222	333	0	1	47	134	698	1316			46,96
2-Campo Grande	3771	4483	185	113	8253	17270	1903	4489	8104	20860	24035	55187	48612	67988	13422	16616	37532	71977	145817	258983			43,70
3-Corguinho	178	305	0	0	19	0	1	2	1	0	12	44	110	363	0	0	20	22	341	736			53,67
4 - Jaraguari	291	593	0	0	20	32	3	5	0	1	22	89	0	337	0	0	2	12	338	1069			68,38
5-Rio Negro	178	199	0	1	17	14	2	2	22	0	35	79	0	285	0	2	9	31	263	613			57,10
6 - Rochedo	172	272	4	1	16	537	2	2	0	0	14	83	107	241	0	1	2	34	317	1171			72,93
7-Sidrolândia	1623	1461	3	8	827	2566	4	4	1	210	372	1503	561	1409	51	62	240	702	3682	7925			53,54
8 - Terenos	544	787	14	105	320	794	3	4	8	21	73	307	252	648	3	8	30	68	1247	2742			54,52
%	4,64	3,17	0,13	0,09	6,23	7,74	1,26	1,64	5,33	7,68	16,11	20,93	32,65	26,08	8,82	6,08	24,81	26,58	100%	100%			

Fonte: elaborado pelo autor com base em MTE (2016)



3.1 A localização e o multiplicador do emprego na MCG

De acordo com a Teoria dos pólos de François Perroux, para uma região se tornar um pólo de crescimento, esta deve possuir o que ele denominou de unidade motriz (que não necessariamente precisa ser uma empresa). A unidade motriz será o motor da economia local, gerando renda e emprego. No mesmo sentido, na Teoria da base econômica de Douglass North, a taxa de crescimento de uma região está limitada a taxa de crescimento de suas atividades motoras e, Walter Christaller mostra que quanto maior a área de influência de um lugar central, maior a sua polarização. Sendo, portanto, a densidade populacional, do nível de renda ou do número de atividades produtivas, fator preponderante para determinar a polarização de uma região (EBERHARDT et al., 2015; BARCHET, 2016).

Na Tabela 4, verifica-se os setores produtivos que apresentam o quociente locacional (QL) maior que a unidade (1) demonstram que as atividades com especialização significativa são atividades produtivas chaves, ou seja, motoras na economia do município em termos da força de trabalho. De maneira específica, no ano de 2014, o ramo da Agricultura (1), da Indústria extrativista (2) e da Administração Pública (7) se apresentavam em mais da metade do total dos municípios com o quociente locacional maior que a unidade, significando que esses são os setores motores para a economia da microrregião de Campo Grande e propulsores da dinamicidade regional.

Como exposto e passível de verificação na Tabela 4, o principal motor da economia regional é o ramo da Agricultura (1), que proporciona para muitas cidades o impulso que necessitam para se desenvolver economicamente. Constata-se que a Agropecuária (1) se consolida como uma atividade motora da dinâmica regional, pois em 7 dos 8 municípios da MCG o quociente locacional foi maior que a unidade. Outros setores produtivos que figuram como motores da economia regional são: Indústria Extrativista (2) e Administração Pública (7), com 4 dos 8 municípios com QL maior que a unidade. Vale destacar que na comparação entre 2000 e 2014, os ramos da Indústria Extrativista e da Administração Pública apresentaram significativa evolução no que se refere a importância desses ramos para a dinamicidade da economia da MCG.

**Tabela 4 - Quociente locacional por município e ramos de atividade econômica MCG - 2000 e 2014**

Ramos/ Cidades	1		2		3		4		5		6		7		8		9	
	Agricultura		Indústrias Extrativas		Indústrias Transformação		Eletricidade, Gás e Água		Construção		Comércio		Adm. Pública		Educação		Serviços	
	2000	2014	2000	2014	2000	2014	2000	2014	2000	2014	2000	2014	2000	2014	2000	2014	2000	2014
1	10,25	14,46	0,00	12,07	0,97	0,46	1,25	0,18	0,00	0,07	0,39	0,63	0,97	0,97	0,00	0,01	0,27	0,38
2	0,56	0,55	0,94	0,50	0,91	0,86	1,03	1,05	1,04	1,05	1,02	1,02	1,02	1,01	1,04	1,06	1,04	1,05
3	11,24	13,07	0,00	0,00	0,89	0,00	0,23	0,17	0,06	0,00	0,22	0,29	0,99	1,89	0,00	0,00	0,24	0,11
4	18,55	17,50	0,00	0,00	0,95	0,39	0,70	0,28	0,00	0,01	0,40	0,40	0,00	1,21	0,00	0,00	0,02	0,04
5	14,58	10,24	0,00	1,85	1,04	0,29	0,60	0,20	1,57	0,00	0,83	0,62	0,00	1,78	0,00	0,05	0,14	0,19
6	11,69	7,33	9,35	0,97	0,81	5,92	0,50	0,10	0,00	0,00	0,27	0,34	1,03	0,79	0,00	0,01	0,03	0,11
7	9,50	5,82	0,60	1,15	3,61	4,18	0,09	0,03	0,01	0,34	0,63	0,91	0,47	0,68	0,16	0,13	0,26	0,33
8	9,40	9,05	8,32	43,44	4,12	3,74	0,19	0,09	0,12	0,10	0,36	0,53	0,62	0,91	0,03	0,05	0,10	0,09

Fonte: elaborado pelo autor com base no MTE (2016)



Os setores produtivos identificados como motores da dinâmica regional se constituem nas atividades que produzem bens e serviços na região e também atendem ao mercado interregional. Quanto maior for a demanda das outras regiões por bens e serviços, maior será o crescimento das atividades motoras. E com o crescimento das atividades motoras, maior será a demanda por insumos fornecidos por outros setores produtivos da região, denominados de atividades setores não motores.

O multiplicador regional de emprego indica a capacidade do município de criar postos de trabalho no momento em que a atividade motora é estimulada. Ou seja, a cada emprego criado na atividade motora (que tem $QL > 1$), determinado número de empregos é criado nas atividades complementares. Assim, após a estimativa do quociente locacional da MCG, foi estimado o multiplicador regional do emprego de cada município e para ano de 2000 e 2014 (Tabela 5).

Como mencionado, o multiplicador regional de emprego consiste num indicador que mostra a intensidade dos encadeamentos produtivos gerados pela distribuição do emprego entre as atividades motoras que a região possui. Isso significa que, quanto mais dinâmica for a estrutura produtiva de uma região, mais ela será capaz de gerar efeitos para frente e para trás e, conseqüentemente, maior será o valor do multiplicador de emprego e o efeito motor, das atividades motoras, nas atividades complementares.

Tabela 5 - Multiplicador do emprego nas cidades da MCG - 2000 e 2014

Municípios	Multiplicador regional do Emprego	
	2000	2014
1-Bandeirantes	2,03	2,12
2-Campo Grande	9,19	9,13
3-Corguinho	1,88	1,63
4-Jaraguari	1,14	1,65
5-Rio Negro	1,38	1,92
6-Rochedo	1,76	1,72
7-Sidrolândia	1,80	2,51
8-Terenos	1,68	1,98

Fonte: elaborado pelo autor com base em MTE, 2016



Os valores do multiplicador regional do emprego para o ano de 2014 apontaram a seguinte conjuntura: os municípios de Corguinho, Jaraguari, Rio Negro, Rochedo e Terenos obtiveram índice de multiplicador de emprego considerado como baixo (<2,00), situação que reflete as condições que as atividades motoras têm para alavancar as condições de emprego e renda local. Analisando a cidade de Jaraguari, que obteve o menor índice (1,63) dentre todas as cidades, podemos concluir que, cada emprego vinculado às atividades motoras no município estimula a geração de 1,63 empregos nos setores complementares. Revelando que os empregos motores correspondem a 1,63% dos empregos totais, e que os empregos relacionados às atividades complementares correspondem a 98,37% do total. Isso também caracteriza o efeito empuxo que o crescimento dos empregos básicos fomenta na economia urbana e mesmo regional.

Observa-se na Tabela 6 que, em 2014, o município de Bandeirantes (1), que apresenta multiplicador de emprego na faixa de 2,12, e o município de Sidrolândia (7), com 2,51, podem ser considerados municípios com índice médio baixo. Apenas o município de Campo Grande (2), com índice de 9,13, foi considerado um município com índice alto.

Analisando os nove (9) municípios e seus respectivos multiplicadores regionais de emprego, observa-se que a adoção dessa metodologia destaca a grande quantidade de municípios com multiplicador de emprego baixo e que certamente estão dependendo de outros centros para satisfazer suas necessidades de consumo, sejam elas de serviços comuns ou especializados.

Em 2000, a situação das cidades, segundo os dados da tabela 6, se encontrava da seguinte forma: o município de Campo Grande (2) obteve um índice de 9,19 (alto), enquanto o município de Bandeirante (1) obteve um índice de 2,03 (médio baixo), e o restante dos outros 6 municípios obtiveram índices que variaram de 1,14 a 1,88 (baixo).

De maneira adicional, os dados relacionados ao multiplicador regional de emprego demonstram que o poder de centralidade de Campo Grande se manteve ao longo dos anos, apesar do avanço dos municípios de Bandeirantes e Terenos. A capacidade de multiplicar empregos é um dos fortes atrativos de população. Pois quanto maior a capacidade de multiplicar empregos, maior a capacidade de ampliar a disponibilidade de postos de trabalho e atrair mão de obra. Isso reforça a área de mercado do município. Além do efeito polarizador, Campo Grande ainda tem um potencial de criação de postos de trabalho mais significativo que seu entorno.



3.2 O perfil da centralidade na Microrregião de Campo Grande

Com o intuito de mostrar os locais centrais da Microrregião de Campo Grande (MCG), foram elaboradas estimativas do índice de centralidade para os anos 2000 e 2014. A unidade base para a análise do presente cálculo foi o nível de emprego. Na tabela 6 estão descritas as estimativas do índice de centralidade e sua variação no período analisado, mostrando que apenas uma cidade, dentre as oito da MCG, obteve uma variação negativa, as demais tiveram um aumento do seu índice de centralidade.

Pode-se perceber que o índice de centralidade do município de Campo Grande (2) em 2014, que foi de 13.080,72, sendo 37 vezes maior que o menor índice da MCG, que é o da cidade Rochedo (6), (347,08), e 1,98 vezes maior que a cidade Sidrolândia (7), que tem o segundo maior índice de centralidade da MCG. Na tabela 6, também foram colocados em destaque os índices de centralidade com quatro dígitos, considerados índices altos.

Tabela 6 - Índice de centralidade na MCG nos anos de 2000 e 2014

Município	2000	2014	Variação %
Bandeirantes (1)	634,66	655,31	3,25
Campo Grande (2)	4588,40	13080,72	185,08
Corguinho (3)	290,19	839,83	189,41
Jaraguari (4)	660,70	908,15	37,45
Rio Negro (5)	672,85	830,41	23,42
Rochedo (6)	529,68	347,08	(34,47)
Sidrolândia (7)	703,44	6573,88	834,53
Terenos (8)	1096,88	2926,07	166,76

Fonte: elaborado pelo autor com base em SEMADE, 2016

Para o ano de 2000, a cidade de Terenos (8) obteve um índice de 1096,88, sendo o 2º maior índice depois da cidade de Campo Grande (2). De forma específica, para o ano de 2014, Campo Grande (2), Sidrolândia (7) e Terenos (8) foram os municípios que apresentam índices de centralidade considerados alto, sendo que o município que caracterizou a maior evolução em termo de potencial de atratividade, se comparado ao ano de 2000, foi a cidade Terenos (8) com um aumento do índice de centralidade em 834,53%.

Como pode ser constatado a partir das informações da Tabela 6, no ano de 2014, por apresentarem índices de centralidade considerados altos (superior a quatro dígitos),



Campo Grande (2) figura como o principal lugar central de toda a MCG, seguido pelos municípios de Sidrolândia (7) e Terenos (8), que ficam a 72 Km e 27 Km de distância da Capital Campo Grande, respectivamente. Esses três municípios acabam por desempenhar papel central no processo de crescimento e desenvolvimento econômico da MCG.

Em adição, tal contexto demonstra que, mesmo que Campo Grande esteja com uma ocupação expressiva no seu espaço territorial, seu efeito de transbordamento beneficia imediatamente os municípios no seu entorno, em detrimento de outros espaços situados no Estado de Mato Grosso do Sul. Todavia, não se pode deixar de destacar o potencial de centralidade dos outros municípios que pertencem à microrregião de Campo Grande, e que estão em busca de melhorias em termos de crescimento e desenvolvimento econômico.

Na Tabela 7, foram postos em destaque os municípios e o seu nível de centralidade para os anos de 2000 e 2014, destacando a evolução ou involução no período analisado, em três níveis distintos de centralidade. Para melhor visualizar a evolução do nível de centralidade das cidades da Microrregião de Campo Grande, destacando a situação de cada município, as definições dos níveis de centralidade em baixo, médio e alto, foram feitas através do cálculo dos intervalos de classes desenvolvidos a partir do índice de centralidade obtidos inicialmente, tomando como base para o cálculo o ano de 2000 para a definição dos limites superior e inferior das classes de centralidade.

Tabela 7 - Nível de centralidade dos municípios do MCG - 2000 e 2014

Baixo		Médio		Alto	
2000	2014	2000	2014	2000	2014
1	1	8	8	2	2
3	3				7
4	4				
5	5				
6	6				
7					
	Aumentou 1 nível				Baixou 1 nível
	Aumentou 2 níveis				Baixou 2 níveis

Fonte: elaborado pelo autor com base nos dados da pesquisa



Através da análise da tabela 7, dados os parâmetros definidos através dos limites superiores e inferiores dos intervalos de classes, percebe-se que, para os resultados obtidos para o ano de 2000, seis dos oito municípios da MCG tiveram seu índice de centralidade enquadrado no nível baixo no período. Terenos (8) obteve índice de centralidade considerado médio e Campo Grande (2) foi a única cidade da MCG que obteve índice considerado alto.

Em 2014, a situação em relação ao índice de centralidade, permaneceu a mesma para quase todos os municípios, exceto a cidade de Sidrolândia (7), que subiu dois níveis, do nível baixo para o nível alto, sendo o principal destaque da MCG. Municípios como Bandeirantes (1), Corguinho (3), Jaraguari (4) e Rio Negro (5), apesar da evolução dos seus níveis de centralidade, permaneceram com índices considerados baixos, dados os parâmetros estabelecidos. Podemos concluir que, com relação à maioria dos municípios da MCG, houve uma situação comportamental estática no que diz respeito ao nível de centralidade, no período em análise.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como objetivo principal analisar quais são os níveis de centralidade existentes entre os municípios que formam um aglomerado urbano não metropolitano. De forma específica, buscou-se verificar quais são os setores produtivos motores da microrregião de Campo Grande (MCG), estimar o multiplicador regional do emprego, a fim de observar a magnitude do impacto dos setores produtivos motores na geração de emprego formal e, encontrar o potencial de atratividade exercido por cada um dos oito municípios que compõem a Microrregião de Campo Grande, a saber, Bandeirantes, Campo Grande, Corguinho, Jaraguari, Rio Negro, Rochedo, Sidrolândia e Terenos, para os anos de 2000 e 2014 por meio do Índice de Centralidade.

O procedimento metodológico baseou-se na estimativa do Quociente Locacional (QL), do multiplicador regional do emprego (EB) e do índice de centralidade (IC) para os anos de 2000 e 2014. Para tanto, foram utilizados dados da MCG sobre população e emprego, coletados no banco de dados da Secretaria de Meio Ambiente e Desenvolvimento Econômico de Mato Grosso do Sul (SEMADE) e na Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), respectivamente, divididos por ramos de atividade econômica, para os anos de 2000 e 2014.



Os resultados mostraram que todos os municípios da MCG apresentaram aumento de emprego que variou de 43% a 72%. Os maiores aumentos de postos de trabalho foram verificados nos setores de Administração Pública, nas cidades de Jaraguari (33,20%) e Rio Negro (28,50%), e no setor de Construção, na cidade de Sidrolândia (20,90%). Os setores de Serviços (26,5%), Administração Pública (26%) e Comércio (21%) absorveram quase 74% do posto de trabalho da MCG.

Com relação ao Quociente Locacional, os setores de Agricultura, Indústria Extrativa e Administração Pública apresentaram-se em mais da metade dos municípios com $QL > 1$, e de acordo com os resultados obtidos através do cálculo do QL, a agricultura é o principal motor da economia regional, proporcionando a muitas cidades o impulso necessário para se desenvolver. Na comparação de 2000 e 2014, a Indústria Extrativa e a Administração Pública destacaram-se em 4 dos 8 municípios com $QL > 1$. Assim, Agricultura, Indústria Extrativa e Administração Pública, podem ser considerados os setores produtivos motores da economia da microrregião.

Com relação à análise do multiplicador do emprego, após a definição dos parâmetros em baixo, médio e alto, para o ano de 2014 verificou-se a seguinte conjuntura: Os municípios de Corguinho, Jaraguari, Rio Negro, Rochedo e Terenos obtiveram índices considerados baixos (< 2), revelando as baixas condições que as atividades motoras têm para alavancar o emprego e renda local; os municípios de Sidrolândia e Bandeirantes obtiveram índices considerados médio baixo (iguais ou entre 2 e 3,99). Somente Campo Grande apresentou índice considerado alto (maior ou igual a 6), o que revela o alto poder de alavancar o emprego e renda local ao se estimular as atividades motoras, estas que foram identificadas pela aplicação do Quociente Local (QL).

Após a construção do índice de centralidade, observou-se que ao longo dos últimos anos (2000 a 2014), o principal lugar central da microrregião de Campo Grande foi e continua sendo o município de Campo Grande, com índice de centralidade bem superior as demais cidades, seguido pelos municípios de Terenos e Sidrolândia. A hierarquia dos lugares relacionada com as áreas de mercado foi definida tanto pelo contingente populacional quanto pela capacidade de multiplicar empregos, ou seja, agregar atividades motoras.

Campo Grande com seu índice de centralidade de 13.080,72 revelou-se 37 vezes maior que o menor índice da MCG, que é Rochedo (347,08), e 1,98 vezes maior que Sidrolândia (6.573,88), que tem o segundo maior índice. Portanto, Campo Grande,



Sidrolândia e Terenos foram os municípios que apresentaram índices de centralidade considerados altos sendo, portanto, os lugares centrais da MCG com um elevado potencial de atratividade para localização de atividades produtiva e população. Sendo que Terenos foi a cidade que apresentou a maior evolução em termos de potencial de atratividade, com um aumento de 834,53% do seu índice.

Com a identificação dos lugares centrais e também dos níveis de centralidade de cada município, pode-se definir ações, em termos de política pública, voltadas para o desenvolvimento da microrregião de Campo Grande, bem como definir prioridades na execução das necessidades que cada município tem na elaboração de políticas de atuação para uma aproximação maior e mais rápida entre as regiões complementares e os lugares centrais. Vale ressaltar que, a presente pesquisa possui deficiências, no que diz respeito ao período analisado, uma vez que foram utilizados recortes de tempo e, portanto, fatores conjunturais não levados em consideração durante o íterim do período, podem gerar algumas distorções com relação aos resultados obtidos. Sugere-se, então, para estudos futuros o desenvolvimento dos indicadores regionais considerando vários recortes temporais ao longo de um período de análise, a fim de questões conjunturais específicas do espaço de análise sejam melhor captadas.

REFERÊNCIAS

ALVES, L. R. Indicadores de localização, especialização e estruturação regional. In: PIACENTI, C. A.; FERRERA DE LIMA, J. (ORG.). **Análise regional: metodologias e indicadores**. Curitiba; Camões, 2012. Pg. 33-50.

ATLAS BRASIL. Índice de Desenvolvimento Humano Municipal. Disponível em: <<http://www.atlasbrasil.org.br/2013/pt/ranking/>>. Acesso em: 11 Nov. 2016.

BARCHET, I. **AGLOMERAÇÕES INDUSTRIAIS E POLOS ECONÔMICOS REGIONAIS: uma análise comparativa entre a Região Sul do Brasil e a Província do Québec/CA**. Toledo/PR: Universidade Estadual do Oeste do Paraná, 2016. 171 p.

BRASIL. Lei Complementar n.14, de 8 de junho de 1973. Estabelece as regiões metropolitanas de São Paulo, Belo Horizonte, Porto Alegre, Recife, Salvador, Curitiba, Belém e Fortaleza. **Diário Oficial da república Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 11 jun. 1973. Seção 1, p. 5585.

COLLA, C.; QUEIROZ, S. S.; FERREIRA DE LIMA, J. A centralidade e o multiplicador do emprego: um estudo comparativo das cidades de Cascavel e Corbélia no Oeste do Paraná. **Revista da FAE**, v. 10, n. 1, p. 101-113, jan/jun. 2007.

VIII Seminário Internacional sobre

Desenvolvimento regional

Territórios, redes e
Desenvolvimento Regional:
Perspectivas e Desafios



Programa de Pós-Graduação
**Desenvolvimento
Regional**
mestrado e doutorado



EBERHARDT, P. H. C.; LIMA, J. F.;PIFFER, M.; RIPPEL, R.. Atividade de Base e Multiplicador de Emprego: considerações sobre o Oeste do Paraná. **Revista de Economia Regional, Urbana e do Trabalho**, 2015.

IBGE CIDADES. Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/home.php?lang=>>>. Acesso em: 11 abr. 2016.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATISTICA – IBGE. **Dados populacionais**. IBGE, 2010. Disponível em: <www.ibge.gov.br>. Acesso em: 26 abr. 2016.

MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO. Disponível em: <<http://bi.mte.gov.br/bgcaged/login.php>>. Acesso em: 13 Ago. 2016

RANKING IDHM. Disponível em: <<http://www.pnud.org.br/atlas/ranking/Ranking-IDHM-Municipios-2010.aspx>>. Acesso em: 15 mai. 2016

SECRETARIA DE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO. Disponível em: <<http://bdeweb.semade.ms.gov.br/bdeweb/>>. Acesso em: 24 Ago. 2016.

STRASSBURG, U; DE LIMA, J.F; DE OLIVEIRA, N. M. A centralidade e o multiplicador do emprego: Um estudo sobre a Região Metropolitana de Curitiba. **Revista Paranaense de Gestão Urbana**, v 6, n.2, p.218-235, maio/ago. 2014.